



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.



S U M Á R I O

- 2 Os objetivos da Política Exterior de Lula
Amado Luiz Cervo
- 6 Posibilidades y ejes de la política exterior de los países pequeños de América Latina a inicios del siglo XXI
Lincoln Bizzozero
- 9 Taiwan: Um Futuro Formoso para a Ilha? A dimensão de segurança
Paulo Antônio Pereira Pinto
- 12 Interessa ao Brasil uma taxa sobre os movimentos de capitais?
Paulo Roberto de Almeida
- 16 O contencioso Israelo-Palestino, a Corte de Haia e a Construção do Muro: Uma vitória moral suplanta uma política de humilhação
Hussein Ali Kalout
- 18 Vaticano: as eleições norte-americanas
Virgílio Arraes
- 20 Mercosul, para além de uma agenda externa
Janina Onuki
- 22 O breve século XXI e o novo conflito de lideranças: EUA versus EUA
José Ribeiro Machado Neto

Vaticano: as eleições norte-americanas

Virgílio Arraes*

Desde o fim da II Guerra Mundial, o sistema político norte-americano, já reduzido a apenas dois partidos, aponta a sua política exterior para a consecução de dois grandes objetivos: contenção de regimes socialistas e variantes – meta praticamente alcançada com o fim da União Soviética e países-satélites e com a absorção progressiva pela China do *modus operandi* capitalista – e total garantia de operação do capitalismo em áreas tradicionalmente aliadas ao Ocidente como é o caso da América Latina ou do Oriente Médio.

Assim, em decorrência de ter-se tornado o baluarte anticomunista, os Estados Unidos (EUA), a despeito de sua elite ser majoritariamente protestante, logo granjeariam o apoio da Santa Sé, que, por seu turno, se encarregaria de conter movimentos políticos progressistas como, por exemplo, a teologia da libertação na América Latina, durante a época das ditaduras militares.

Findo o socialismo real, a aliança tácita entre ambos os Estados arrefeceria no campo internacional, visto que a pregação neoliberal dos Estados Unidos não lograria êxito em solucionar questões importantes como desigualdade social ou degradação do meio ambiente – frutos da valorização excessiva da sociedade de consumo em massa.

Na nova ordem mundial, para lamentação do Vaticano, não haveria a diminuição do número de conflitos bélicos no 3º Mundo e muito menos das verbas dedicadas à pesquisa e produção armamentista – consoante Chalmers Johnson, apenas os norte-americanos dedicam aos seus gastos militares cerca de ¾ de trilhão de dólares anualmente. Ante tal quadro desolador, a Santa Sé notabiliza-se por valorizar o direito e as organizações internacionais, dado que ambos poderiam refrear mais a sanha das principais potências, especialmente a dos Estados Unidos.

No caso do presente conflito no Golfo, a diplomacia papal articulou-se a favor do veto do Conselho de Segurança, em face da ausência do esgotamento do encaminhamento diplomático. Atribui-se parcialmente à sua influência o voto contra a autorização do conflito por parte do México, Chile, Camarões e Guiné.

Mesmo diante do malogro da política externa americana em dois grandes conflitos atuais – Afeganistão e Iraque –, a opinião pública do país continua dividida, de forma que o próximo presidente deverá vencer o pleito por pouca diferença. Assim, tanto republicanos como democratas esforçam-se por obter votos de um dos segmentos mais importantes do ponto de vista quantitativo: o eleitorado católico.

Já no final dos anos 50, os congressistas católicos obtiveram, pela primeira vez, a maioria parlamentar – em torno de 20%. Na legislatura seguinte, por mínima margem de votos, elegeu-se o primeiro presidente católico, o democrata John Fitzgerald Kennedy, então senador por Massachusetts, que representava a terceira geração na política de uma rica família de origem irlandesa.

Quatro décadas depois, os democratas possuem um candidato com perfil semelhante a JFK: John Forbes Kerry, que poderá tornar-se o segundo presidente católico da história do país, o que acompanharia a mudança do perfil norte-americano que é cada vez mais latino e menos protestante. Esta alteração demográfica já se reflete em manifestações de parte da elite anglo-saxã como, por exemplo, a polêmica afirmação de Samuel Huntington, que relaciona o declínio dos valores tradicionais americanos ao aumento da presença de imigrantes da América Latina.

Do lado republicano, a ação com vistas a atrair mais o eleitorado católico iniciara-se no início de junho,

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (IREL-UnB).

quando o Presidente Bush, em viagem à Europa para a celebração dos 60 anos do desembarque na Normandia e liberação de Roma do jugo fascista, programou-se para encontrar pela terceira vez em seu mandato – e primeira após a II Guerra do Golfo – o Papa João Paulo II.

Normalmente, o protocolo da Santa Sé evita visitas de dirigentes em período eleitoral de seus países, mas no caso uma exceção seria aberta. No entanto, enfatize-se que é praxe da diplomacia norte-americana agendar ida ao papado, toda vez que o seu presidente viaja à Itália.

Basta recordar, por exemplo, a Reunião de Cúpula do G-8 em Gênova em julho de 2001, em que Bush aproveitaria a ocasião para ir também a Castelgandolfo reunir-se com João Paulo. No ano seguinte, em maio, haveria outro encontro. Na última visita, os dirigentes celebrariam as efemérides do vigésimo aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre ambas as nações.

Ademais, durante a audiência, dois temas destacar-se-iam:

Na política internacional, houve a reiteração da posição contrária do papado à ocupação do Iraque. Apesar de referir-se positivamente à formação de um governo interino, o Sumo Pontífice recomendaria a participação mais ativa da Organização das Nações Unidas (ONU) na restauração plena da soberania iraquiana, após a deposição do ditador Saddam Hussein;

No tocante a questões internas, o Papa faria menção elogiosa aos esforços do governo Bush de promover valores morais, em especial os relacionados à valorização da vida, família e casamento. Assim, o Vaticano corrobora as posições – vistas como polêmicas por parte do eleitorado – assumidas pela Conferência Nacional dos Bispos dos Estados Unidos que se relacionam à proibição do sacramento da comunhão a ativistas e políticos que defendam publicamente o direito ao aborto e união civil de pessoas do mesmo sexo.

Segundo o Cardeal Ratzinger, Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, os sacerdotes devem basear-se no Código de Direito Canônico, em seu cânone 915, que estipula não ser permitida a admissão à comunhão dos excomungados e interditos, após a declaração de alguma pena, ou de outros que obstinadamente perseverem em pecado grave. Todavia, segundo a Conferência, a decisão de negar o sacramento partiria do alvitre de cada bispo em sua respectiva diocese.

Ainda em junho, Bush lançaria a Iniciativa do Casamento Saudável, que é um programa destinado a valorizar o casamento perante a sociedade, ao propor a idéia de que uniões sadias reduziriam problemas sociais, como o vício em drogas. A sua implementação é feita de forma descentralizada, tanto pelos próprios estados, bem como por organizações religiosas e civis. Ela representa o espírito da reforma da legislação do bem-estar social que está parada no Senado.

Para reforçar seu vínculo político com João Paulo, Bush agraciá-lo-ia com a Medalha da Liberdade – a mais alta condecoração presidencial concedida a civis – com ênfase em sua galhardia, dentre outras razões, por ter contribuído para o fim do comunismo e da tirania, ao valorizar o poder da liberdade em mudar sociedades e, por conseguinte, o mundo.

Em suma, o balanço da viagem, apesar do suave tom de desaprovação papal em relação ao Oriente Médio, é favorável a Bush, em face de sua política de costumes ser extremamente conservadora. Além do mais, a sua manifesta simpatia a João Paulo ameniza a imagem negativa promovida por setores protestantes fundamentalistas e, ao mesmo tempo, reforça o ideário ecumênico da Santa Sé. Segundo um dos biógrafos de João Paulo, Luigi Accattoli, em artigo de junho ao *Corriere della Sera*, o candidato da preferência papal seria o metodista George Bush em detrimento do católico John Kerry.

